

A Epidemia de pós Nazismo e a Necessidade de um letramento Antifascista

Michel German-UFRI

Nos últimos anos temos notado, cada vez com mais frequência, o surgimento e a consolidação de posições e de grupos ultraconservadores e de direita radical no Brasil. Tenho considerado que está acontecendo no Brasil constitui-se em uma epidemia de neonazismo. Importante notar que trato desse tema a partir de um sentido bem estrito do conceito: uma epidemia é localizada quando a transmissão é comunitária e não mais importada. Nesse contexto, um dos elementos mais importantes das manifestações de extrema-direita no país é perceber a circulação local de gramáticas e de simbologia típicas da extrema direita.

Nota-se, pois, cada vez mais símbolos e uma gramática circulando por setores amplos da sociedade brasileira. Assim defendo que haja uma transmissão dessas posições está já muito consolidada em locais específicos e já está se desenvolvendo e se expandindo para novos ambientes. Isso ocorre, mais uma vez retornando a categoria de epidemia, sem precisar de “contaminação” externa. Em comparação, a contaminação desde o exterior é o que havia na década de 1980, com grupos específicos no Rio Grande do Sul, como a Editora Revisão, ou em São Paulo, com os Carecas do ABC, grupos políticos vinculados à extrema-direita que surgiam aqui influenciada por organizações de fora do Brasil. Essa já não é mais essa a realidade no Brasil. O que está acontecendo é que se tem agora é que movimentos de extrema-direita estão alcançando setores importantes da sociedade brasileira a partir de reprodução local.

Nessa nova extrema-direita há grupos que flertam tanto com o nazismo quanto com o fascismo, que assumem posições ultraconservadoras, que consomem material negacionista e conspiracionista, que estabelecem vínculos a partir de fortes componentes de discurso de ódio. Enfim, como disse anteriormente, está acontecendo uma epidemia do extrema direita (de posições neofascistas e pós fascistas) e isso ocorre por conta do que estou chamando de letramento fascista, um fenômeno cujo alastramento se constituiu nos últimos cinco anos no país.

A única maneira de perceber e entender isso é usando referências com aquilo que Walter Benjamin chama de política como estética: a imagem, o imaginário e as representações são muito mais importantes do que uma suposta coerência ideológica. No nazismo e

no fascismo, essa coerência ideológica é pouco importante, o que mais importa é a representação pública do condicionamento fascista.

Ou seja, manifestações fascistas e nazistas como as motocicletas dos s ou manifestações públicas massiva são milimetricamente articuladas e ensaiadas. Há uma dimensão ideológica, mas ela é muito mais fraca e fluida. O que é mais importante é a manifestação no espaço público e é isso que estamos vendo no Brasil, utilizando a mesma dimensão simbólica, os mesmos símbolos, a mesma linguagem e a mesma gramática dos movimentos de extrema-direita da Europa dos anos 1930.

Vale dar alguns exemplos: o que aconteceu em Santa Catarina, na cidade de São com o famoso *Sieg Heil* [salve a vitória]. Se perguntarmos para as pessoas que supostamente estavam cantando o hino com a mão direita esticada, cada uma delas vai ter uma percepção muito diferente da que tenho, que era uma atitude nazista. O que acontece ali é o estabelecimento da estética nazista, que tem a ver com a massa, com o conjunto das pessoas. Poderia citar vários outros exemplos, desde o slogan “Brasil acima de tudo”, da campanha eleitoral, passando pelo abraço de Bolsonaro em um sócio do Hitler, até o aparecimento, repetidamente e em várias versões, da frase “o trabalho liberta”, nos materiais de comunicação do governo Bolsonaro. Mas o que importa muito aqui dizer é que há uma exposição de setores importantes da sociedade brasileira a essas perspectivas, que estou chamando de letramento fascista.

Essas pessoas leem a realidade a partir de perspectivas, letras e símbolos fascistas, como a ideia de uma visão conspiracionista que explica a realidade. Quem está dentro desse movimento percebe o mundo somente a partir dessa perspectiva. Estamos falando, portanto, de uma dimensão fascista e nazista que alcançou as massas.

Paradoxalmente sentimos os efeitos desse letramento fascista justamente após a derrota de Bolsonaro. Em seu mandato ele dividia a realidade em dois elementos: o elemento da superfície e o elemento do subterrâneo.

Na superfície, vemos uma espécie de programa de auditório, uma política da galhofa, a brincadeira, o sarro, uma espécie de incorporação do homem médio que fala o que pensa sem estar comprometido com o politicamente correto. No subterrâneo, vê-se a produção daquilo que se chama de “apito de cachorro”.

Quando Bolsonaro sai, a galhofa e a superfície desaparecem e surge a inundação do subterrâneo em relação à superfície. Então, a mediação da galhofa feita pelo bolsonarismo cede espaço para o ódio e o ressentimento que estão no subterrâneo.

Hoje nossa tarefa não é apenas reverter o letramento fascista, é preciso desenvolver estratégias para garantir o letramento antifascista. Nossas tarefas devem estar concentradas em interromper os círculos de espalhamento da gramática nazista e o vínculo com combate desses grupos pelo Brasil a gora. A proposta de atuação deve ter relação com quatro pontos: regulamentação e controle das redes sociais. Estabelecimento de punição para quem desenvolve propaganda de nazismo e de gramática nazista, um consenso político de exclusão da extrema direita de referências conspiracionistas do debate público e o desenvolvimento de uma pedagogia atavicamente antifascista.

Tudo isso somente será possível com práticas de diálogo, atividades constantes e criativas buscando setores cada vez mais amplos e diversos de toda a sociedade.